

# ENTRE ARTEFATOS CULTURAIS, ESCOLARIZAÇÃO E NARRATIVAS ORAIS INFANTIS: A EDUCAÇÃO BÁSICA SOB AS LENTE DOS ESTUDOS CULTURAIS EM EDUCAÇÃO

Patrícia Ignácio<sup>1</sup>

**Resumo:** Sob as lentes dos Estudos Culturais em Educação (ECE) e a partir de distintos objetos de pesquisa e de diferentes abordagens teórico-metodológicas, o presente artigo examina três percursos investigativos para análise de artefatos culturais, do processo de escolarização e de narrativas orais de crianças-estudantes no âmbito da Educação Básica. Eles se constituem em formas pelas quais os ECE podem ser mobilizados para compreendermos como a cultura incide na produção de determinadas subjetividades e baliza modos de viver em sociedade, bem como para evidenciar os processos por meio dos quais nos tornamos quem somos a partir da experiência escolar.

**Palavras-chave:** Estudos Culturais; Consumo; Análises Culturais; Análise do Discurso; Narrativas.

## BETWEEN CULTURAL ARTIFACTS, SCHOOLING, AND CHILDREN'S ORAL NARRATIVES: BASIC EDUCATION THROUGH THE LENS OF CULTURAL STUDIES IN EDUCATION

**Abstract:** Through the lens of Cultural Studies in Education (CSE) and drawing on distinct research objects and diverse theoretical-methodological approaches, this article examines three investigative pathways for the analysis of cultural artifacts, the schooling process, and the oral narratives of children within the context of Basic Education. These pathways constitute

---

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2145-2957>.

E-mail: [patricia.ignacio@ufrn.br](mailto:patricia.ignacio@ufrn.br).

ways through which CSE can be mobilized to understand how culture shapes the production of particular subjectivities and delineates modes of living in society, as well as to make evident the processes through which we become who we are through the schooling experience.

**Keywords:** Cultural Studies; Consumption; Cultural Analysis; Discourse Analysis; Narratives

## NOTAS INTRODUTÓRIAS

Pensar a Educação Básica a partir das teorizações dos Estudos Culturais em Educação (ECE), no contexto brasileiro, tem se constituído como uma proposição investigativa profícua e promissora. As contribuições teórico-metodológicas dessa perspectiva, principalmente nos últimos 25 anos<sup>2</sup>, vêm possibilitando a ressignificação do modo como se compreende e se analisa o campo pedagógico. Nesse movimento teórico-analítico, categorias como cultura, identidade, discurso e representação passaram a ocupar a agenda de pesquisadores e pesquisadoras (Costa, Silveira, Sommer, 2003), permitindo compreender a escola não apenas como espaço de transmissão de saberes, mas também como território de (re)produção, disputa e tensionamento de signos e significados por meio dos quais são produzidas subjetividades e se configuram determinadas formas de viver em sociedade.

---

<sup>2</sup>Costa, Silveira e Sommer, em seu artigo “Estudos culturais, educação e pedagogia” (2003), apontavam a escassez de trabalhos que tematizassem as conexões entre os Estudos Culturais na América Latina e o campo da educação. Contudo, em tempos mais recentes, observa-se o fortalecimento dessa relação, expresso em iniciativas como a criação da Rede de Estudos Culturais em Educação do Nordeste (RECENE), em 2024, e da Rede Internacional de Estudos Culturais em Educação (RIECEdu), em 2025.

Isso porque, sob a perspectiva dos ECE, a cultura acontece, se produz e se atualiza em todas as instâncias da vida social, atravessando práticas, discursos e modos de subjetivação (Hall, 1997), e a escola se constitui em “[...] um lugar na cultura, um lugar onde a cultura circula, onde culturas se encontram e negociam, onde se produz e consome cultura [...]” (Costa; Momo, 2009, p. 524). Logo, os Estudos Culturais, à maneira de uma “caixa de ferramentas” (Foucault, 2003; Veiga-Neto, Rech, 2014), possibilita problematizar e desnaturalizar certezas, tensionar discursos hegemônicos e ampliar os horizontes de compreensão acerca da educação, dos processos e das práticas pedagógicas, da produção do conhecimento e das aprendizagens, bem como dos processos de subjetivação.

Filiar-se à abordagem inter, multi, trans, pan, anti e indisciplinar dos ECE implica que seus praticantes se desvencilhem de amarras teórico-metodológicas reducionistas e lineares para engajarem-se em um projeto investigativo ousado, que multiplica caminhos investigativos, opera por meio de *bricolagem*, não restringe seus objetos de investigação e se afasta da mera descrição de conteúdos (Costa, 2007). Desse modo, o que se percebe é que lançar um olhar sobre a Educação e sobre as repercussões da cultura nos espaços educativos através dessas lentes pressupõe colocar paradigmas e metanarrativas fixas sob suspeita, abrindo caminho para abordagens, compreensões e proposições outras, mais críticas e instigantes.

Neste texto, tais pressupostos auxiliam-nos a pensar sobre possíveis articulações entre os Estudos Culturais e a Educação Básica. Contudo, muitas questões que se repetem entre licenciandos, mestrandos e doutorandos que buscam aproximar-se dos ECE dizem respeito, justamente, à definição

dos objetos de estudo, ao arcabouço teórico pertinente e às metodologias de pesquisa e de análise a serem utilizadas no desenvolvimento de suas investigações.

Ancorado nessas teorizações, o presente artigo reúne três pesquisas de natureza qualitativa, desenvolvidas pela autora do texto, respectivamente, em cursos de mestrado, doutorado e pós-doutorado em Educação. O objetivo é evidenciar algumas formas pelas quais os ECE podem ser mobilizados para compreendermos como a cultura incide na produção de determinadas subjetividades e baliza modos de viver em sociedade, bem como para lançar luz sobre os processos por meio dos quais nos tornamos quem somos (Foucault, 2013) a partir da experiência escolar. Não como um receituário ou manual de caráter determinista, mas como estímulo, convite, provocação e, quiçá, como um encantamento para jovens pesquisadores e pesquisadoras que se sintam instigados a mobilizar tais discussões em suas investigações. Intenciona-se, mesmo que de maneira concisa, apresentar alguns aspectos das referidas pesquisas. Para tanto, a partir de distintos objetos de pesquisa e diferentes abordagens teórico-metodológicas (Steinberg, 2015), o texto concentra-se em três percursos investigativos, para analisar artefatos culturais, o processo de escolarização e as narrativas orais de crianças-estudantes, conforme apresentado nas seções a seguir.

## OS ARTEFATOS CULTURAIS NA CENA ESCOLAR

Em inúmeras salas de aula do Brasil e em outros contextos do mundo, são recorrentes as ocasiões em que professores e professoras vivenciam a presença imperativa, reiterada e efetiva de artefatos culturais no cotidiano escolar. Jogos, figurinhas, revistas, estojos, mochilas, adereços, *cards*, entre outros, atravessados por narrativas de filmes, desenhos animados, novelas, músicas, *youtubers* ou séries, parecem ter

invadido a cena escolar, evidenciando o quanto o currículo se encontra constantemente matizado pelas marcas da cultura, especialmente a midiática<sup>3</sup>.

No início dos anos 2000<sup>4</sup>, período em que atuava como professora das séries iniciais do Ensino Fundamental, vi-me submersa nesse contexto e pude experienciar a integração desses artefatos no cotidiano escolar, tensionando e, por vezes, subvertendo as práticas pedagógicas previstas no planejamento. Tais atravessamentos produziam determinados sentidos, valores e modos de subjetivação que escapavam aos limites do currículo formal (Paraíso, 2025). A esse respeito, destaco que minha atuação docente em uma turma da 4<sup>a</sup> série do Ensino Fundamental se tornou condição *sine qua non* para a delimitação do objeto de investigação no Mestrado em Estudos Culturais em Educação<sup>5</sup>, na Universidade Luterana do Brasil. O exercício simultâneo da docência e da pesquisa mostrou-se profícuo para aguçar meu olhar analítico sobre os modos pelos quais determinados artefatos culturais participavam da constituição das subjetividades infantis, especialmente no que se refere aos modos de ser, estar e se comportar em sala de aula.

---

<sup>3</sup> Pesquisas como as de Karnopp e Pokorski (2015), Silva e Ribeiro (2011) e Costa (2002a) são exemplos de percursos investigativos nos quais os artefatos culturais têm sido tomados em análise, evidenciando sua forte articulação com a produção de determinadas identidades e subjetividades.

<sup>4</sup> No contexto contemporâneo, observa-se a intensificação de um movimento conduzido por instituições de ensino e por diferentes instâncias governamentais — estaduais, municipais e federais (<https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2025/fevereiro/restricao-ao-uso-do-celular-nas-escolas-ja-esta-valendo>), bem como por governos de outros países, como a Austrália e Dinamarca, voltado à instituição de políticas e práticas que visam regular, controlar e/ou proibir o uso de telefones celulares, de outras telas e redes sociais por crianças e jovens. (<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2025/12/10/o-que-paises-estao-fazendo-para-regular-o-acesso-de-criancas-as-redes-sociais.ghtml>)

<sup>5</sup> Vide Ignácio, (2007).

À época, entre os diversos artefatos presentes no cotidiano escolar, optei por investigar aquele que, a meu ver, incidia de maneira mais expressiva nas subjetividades das alunas, produzindo uma identidade de “jovem menina” fortemente articulada às lógicas da sociedade de consumo – o desenho animado *Três Espiãs Demais*<sup>6</sup>. A seleção da animação, dentre tantas programações televisivas então disponíveis, não se deu de forma aleatória ou neutra. Tal escolha emergiu da observação sistemática e atenta do trânsito reiterado de objetos escolares e pessoais — cadernos, mochilas, estojos, entre outros — marcados por *slogans*, imagens e logotipos do desenho animado *Três Espiãs Demais*, bem como dos desenhos, diálogos e produções textuais das crianças, considerando seus modos de agir e de relacionar-se em sala de aula, nos quais recorrentemente se reproduziam temas, personagens e enredos da animação.

Após assistir a vários episódios de *Três Espiãs Demais*, configurou-se o objetivo de dar visibilidade à forma como essa animação compõe as identidades de jovens meninas contemporâneas. Dizendo de outro modo, a intenção foi mostrar como tal desenho animado, como artefato cultural, opera na produção das identidades de jovens meninas contemporâneas, fortemente imbricadas nas racionalidades da

---

<sup>6</sup>Conforme informações disponíveis na Wikipédia, *Três Espiãs Demais* (*Totally Spies!*) é uma série de animação francesa, produzida pelo estúdio Marathon Production e lançada em 2001. Em sua exibição original, a série alcançou seis temporadas, com um total de 156 episódios e a produção de especiais. No Brasil, a série estreou em 11 de março de 2002. Em 2024, a série foi retomada com a sétima temporada, lançada em 12 de maio no canal Gulli, na França, e posteriormente renovada para uma oitava temporada. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Totally\\_Spies!](https://pt.wikipedia.org/wiki/Totally_Spies!)

cultura do consumo — e, em certos registros, por ela capturadas.

Na produção de minhas lentes teórico-metodológicas, foram cruciais: as contribuições de Stuart Hall acerca da identidade e da centralidade da cultura; os estudos sobre mídia e suas articulações com a educação, desenvolvidos por Kellner (2001), Fischer (1997), Costa (2005a, 2005b, 2006), Walkerdine (1999), Steinberg e Kincheloe (2004) e Giroux (2004); as reflexões sobre consumo presentes nas obras de Bauman (1999, 2001; 2004), Sarlo (2006), Lipovetsky (2006), Canclini (2006) e Freire Costa (2005), entre outros; e os estudos sobre cinema e desenho animado elaborados por Duarte (2002) e Barbosa Júnior (2002). Nesse mosaico, os conceitos de identidade, pedagogias culturais, subjetivação e representação foram basilares na composição de uma perspectiva para ver (Sarlo, 2006).

Sob o prisma dos Estudos Culturais em Educação, os programas produzidos pela televisão podem ser compreendidos como textos culturais atravessados por discursos que integram e organizam a vida social (Fischer, 1997). São textos que, ao se apresentarem, nos narram, nos conformam e nos constituem: falam para nós, sobre nós e, ao mesmo tempo em que nos inventam, também nos assujeitam e nos governam.

Essa dinâmica torna-se particularmente visível no cotidiano escolar, quando se observa a potência das imagens, das narrativas e das representações em interpelar os(as) estudantes e convocá-los(as) a se comportarem de tal ou qual forma em uma sociedade regida pelas leis do mercado. Assim, cabe a nós, praticantes dos ECE, esquadrinhar, problematizar, desarticular e rearticular os textos culturais por meio de um contextualismo radical (Grossberg, 2012), analisando

criticamente as conjunturas em que tais textos se produzem, circulam e operam.

Dentre os quase 160 episódios da série de desenho animado *Três Espiãs Demais*, produzidos entre os anos de 2001 a 2013, foram assistidos 35, exibidos na televisão aberta; desses, foram selecionados 16 para as análises, considerando-se os que apresentavam maior recorrência de cenas, ações, reações e narrativas tidas como significativas em relação à cultura e à sociedade de consumo. A partir dos episódios selecionados, foram elaboradas fichas analíticas contendo a transcrição das falas das personagens e a descrição das imagens, dos sons e dos efeitos que compunham os enquadramentos das cenas.

A análise cultural<sup>7</sup> da animação evidenciou que, a cada episódio, as protagonistas — Sam, Alex e Clover — recebiam de seu chefe, Jerry, missões a serem cumpridas. Nas tramas do desenho, as jovens meninas heroínas são apresentadas como excessivamente preocupadas com o consumo de objetos, de aparências e de relacionamentos. A obsessão por um corpo perfeito, o desejo de alcançar *status* e aceitação social e a necessidade de ter a seu lado um jovem menino com aparência estonteante transformavam o dia a dia das personagens em um constante desejar e descartar objetos da moda, corpos e relações colocados em evidência na sociedade do espetáculo.

---

<sup>7</sup>A Análise Cultural se constitui em uma perspectiva analítica, desenvolvida no âmbito dos Estudos Culturais, marcada pela heterogeneidade teórica. Ela examina como discursos e práticas sociais são produzidos, reproduzidos e descontinuados, gerando efeitos de poder, saber e subjetivação. Ancorada na *virada cultural* (Hall, 1997), compreende a cultura como elemento constitutivo das relações sociais e tem como tarefa evidenciar os processos de naturalização do que é histórica e socialmente produzido, problematizando as articulações entre cultura e poder. Trata-se de uma análise situada de textos e contextos. (Vide verbete “Análise Cultural” de Mariangela Momo e Patrícia Ignácio, presente no Livro “Arquivo Aberto de Estudos Culturais em Educação”, no prelo).

Exortando e, talvez, caricaturizando a superficialidade e a banalidade, a narrativa do desenho expõe as missões de caráter coletivo – a serem solucionadas pelas jovens meninas ao longo dos episódios – niveladas às de caráter individual-grupal. Nas missões individuais, tornam-se perceptíveis as formas como a animação orienta condutas, produz sentidos e regula modos de ser, estar e relacionar-se de acordo com os pressupostos de uma sociedade marcada pela centralidade do consumo.

De fato, a mídia, em um emaranhado de narrativas e imagens envolventes, opera como um potente dispositivo pedagógico, produzindo lições sobre como são — ou deveriam ser — os sujeitos contemporâneos. Por meio de histórias veiculadas em diferentes formatos, põe em circulação um conjunto de significados sobre o consumo, passando a balizar a vida de muitos sujeitos, os quais não apenas buscam incorporar tais modelos em suas experiências cotidianas, inclusive as escolares, como também aderir às racionalidades que os sustentam.

## **O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO E A CULTURA DO CONSUMO SOB AS LENTES DOS ESTUDOS CULTURAIS EM EDUCAÇÃO**

Segundo Ignácio (2020), vivemos em uma sociedade inebriada pela racionalidade do consumo e cada vez mais interessada em narrá-lo, problematizá-lo e investigá-lo, com vistas à sua ampliação, estímulo, conscientização ou contenção. Em suma, trata-se de práticas e discursos que compõem a cultura do consumo e que envolvem desde a lucratividade até os processos de formação crítica dos sujeitos, inserindo-se nas múltiplas dimensões da vida social e, inclusive, na escolarização.

No período de doutoramento na Universidade Federal de Pernambuco<sup>8</sup>, a percepção de que a cultura do consumo, presente nos artefatos culturais, também perpassa de modo expressivo o cotidiano escolar e, em muitos momentos, o subverte suscitou o interesse no processo de escolarização brasileiro. Daí o desejo de interrogar como ele vem se posicionando em relação ao consumo e qual o seu trabalho (Silva, 1999) nos modos pelos quais os sujeitos são produzidos em uma sociedade regida para e pelas leis do mercado.

Com as lentes do ECE, a escolarização é vista, ao longo das pesquisas desenvolvidas e apresentadas neste artigo, como um conjunto de práticas, instituições, normas, valores e relações sociais que, historicamente, organizam e sistematizam o acesso ao conhecimento formal. É um dos “focos locais” de poder-saber (Foucault, 2011); uma instância socialmente legitimada para a produção e a circulação de verdades sobre a educação e os sujeitos da educação, para a seleção e hierarquização dos saberes considerados válidos e ensináveis e para a (con)formação de corpos e condutas adequados às exigências de uma determinada ordem social. Mais do que a mera transmissão de conteúdos, escolarizar implica a produção de sujeitos, na medida em que (con)forma saberes e modos de ser, de agir e de conviver em sociedade. Nesse entendimento, o que se ensina, como se ensina, quem ensina e quem aprende são dimensões articuladas e mutuamente imbricadas em interesses sociais, políticos, econômicos e culturais.

No Brasil, a vontade de verdade do campo da educação em relação ao discurso do consumo<sup>9</sup> remonta aos anos 80,

---

<sup>8</sup> Maiores informações podem ser encontradas em Ignácio (2020).

<sup>9</sup> O consumo é aqui compreendido como um discurso, à luz das teorizações de Michel Foucault (2008b, 2009, p. 122), na medida em que é concebido como um “conjunto de sequências de signos, enquanto enunciados”,

quando documentos, como o plano experimental de educação do consumidor (Brasil, 1990), já previam o ensino do consumo para qualificar a vida em sociedade e a formação de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres. De lá para cá, um conjunto expressivo de normativas legais<sup>10</sup>, livros didáticos e paradidáticos<sup>11</sup>, bem como de práticas pedagógicas, foi evidenciando a materialidade e interpenetração do discurso do consumo no discurso educacional.

A partir desse entendimento, ao longo da tese busquei dar visibilidade aos modos pelos quais o processo de escolarização passou a pedagogizar o discurso do consumo, por meio de práticas discursivas escolares capazes de capturar, orientar, regular, modelar e governar os sujeitos escolares em relação às lógicas do consumir. Para a produção de uma pesquisa que articulasse consumo e escolarização, além da leitura das investigações já desenvolvidas por outros pesquisadores e outras pesquisadoras do campo da educação, mostrou-se fulcral a interlocução com os aportes teóricos e metodológicos de Michel Foucault (2008a, 2008b) e com as contribuições dos campos dos Estudos Culturais e dos Estudos do Consumo.

Dos Estudos Culturais, foram importantes os conceitos de educação, cultura, linguagem, relações de poder e identidade, a partir das teorizações de Hall (1997, 2006), Giroux (1995), Nelson, Treichler e Grossberg (1995), Costa, Sommer e Silva (2003), Williams (1992), Silva (1999) e Veiga-Neto (2004), entre outros.

Em relação aos Estudos do Consumo, foram mobilizados conceitos como os de sociedade de consumidores, cultura do consumo, desejo, cidadania, felicidade, efemeridade e educação para o consumo, presentes nos textos

---

sustentado por um mesmo sistema de formação, que institui um “regime de verdade, fora do qual nada tem sentido” (Veiga-Neto, 2004, p. 41).

<sup>10</sup> Ignácio e Camozzato (2024).

<sup>11</sup> Ignácio e Camozzato (2025).

de autores como Bauman (1999, 2001, 2008, 2009, 2011), Klein (2009), Schor (2009), Rocha (2006), Baudrillard (2008), Sarlo (2006) Featherstone (1995), Lipovetsky (2006, 2007) e Canclini (2003, 2006).

A produção das categorias de análise deu-se a partir de aproximações da arqueologia de Michel Foucault<sup>12</sup> (2008a), no que se refere às regras de formação do discurso — regras que constituem a condição de existência e de coexistência do discurso do consumo na escolarização. A isso, somaram-se as técnicas de governo das subjetividades escolares, conforme proposto por Jorge Larrosa (2008) a partir das proposições de Michel Foucault, quais sejam, avaliação de si, rememoração de si, narrativa de si e julgamento de si.

Essa aproximação e a recolha teórico-metodológica mostraram-se produtivas, uma vez que, da sobreposição desses estudos e teorizações, emergiu uma imagem com profundidade, distância, posição e objetos para ver a escola, dentro da moldura social contemporânea, como mais um dos componentes do dispositivo do consumo na formação dos sujeitos consumidores.

Filiada a esse arcabouço teórico-metodológico, realizei a coleta e leitura de textos educacionais que tematizavam o consumo e se materializavam nas práticas escolares, tais como: as *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica* (Brasil, 2013); os *Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução*

---

<sup>12</sup> Segundo Foucault (2009, p. 31), a análise do discurso tem as funções de “[...] compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. Não se busca, sob o que está manifesto, a conversa semi-silenciosa de um outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a ele, um lugar que nenhum outro poderia ocupar”.

aos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (Brasil, 1997); livros paradidáticos; planos de aula sobre consumo publicados no Portal do Professor/MEC; manuais de formação docente; a prática pedagógica denominada *Hora da Novidade* (identificada em manuais de formação de professores).

O *corpus* analisado mostrou que a pedagogização do discurso do consumo no processo de escolarização trazia como temáticas: a colonização dos desejos de consumo; a associação entre felicidade e consumo; o novo perpétuo; a produção da identidade pelo consumo; a cidadania pelo consumo; a necessidade de administração dos desejos; a capacitação dos sujeitos escolares consumidores; o foco na conduta de consumo dos sujeitos; e a exigência de protagonização e de gerenciamento de si em relação ao consumo. Os resultados do estudo apontaram: (1) a coexistência do discurso do consumo com os discursos cidadão, médico, publicitário, jurídico e ambiental; (2) um conjunto de conceitos, objetos e modalidades que reverberam e materializam o discurso do consumo no processo de escolarização; e (3) um conjunto de tecnologias de si por meio das quais os sujeitos se observam, se interpretam, se julgam, se narram, se gerenciam e se moldam, a partir de sistemas de significação da sociedade de consumo. Em outras palavras, as práticas discursivas escolares pedagogizam o discurso do consumo de acordo com o regime de verdade do campo discursivo da educação, ensinando os sujeitos escolares a desempenharem o papel de consumidores (Ignácio, 2020).

## **NARRATIVAS ORAIS INFANTIS DE SUJEITOS ESCOLARES E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE SI, OS OUTROS E A SOCIEDADE**

É preciso dizer que todo o movimento analítico apresentado até o momento tratou, em especial, sobre como os artefatos culturais e o processo de escolarização se posicionam nas tramas da cultura e da sociedade do consumo, sem abrir espaço para discutir e apresentar como os sujeitos compreendem e concebem tais textos culturais e como essa trama incide sobre suas vidas. Foi justamente a percepção dessa lacuna que oportunizou a produção da terceira proposição investigativa apresentada neste artigo, a análise das narrativas orais de sujeitos escolares infantis.

Nos últimos anos, tenho me dedicado a trabalhar com as narrativas dos sujeitos escolares<sup>13</sup> — sejam estudantes, sejam docentes — à luz das contribuições de Larrosa (2003, 2008). Nesses estudos, as narrativas são concebidas tanto como procedimento metodológico quanto como objeto de análise.

As asserções de Larrosa interessam especialmente porque ajudam a pensar o quanto a experiência só pode ser interpretada narrativamente. Ao mesmo tempo, possibilitam compreender que o sentido de quem somos e dos significados que partilhamos se aproxima da construção e da interpretação de um texto narrativo, cujo significado se produz nas relações intertextuais e no interior de determinados contextos (Larrosa, 2003). Logo, as narrativas não se constituem em mera descrição literal de acontecimentos. De fato, “é contando histórias, nossas próprias histórias, o que nos acontece e o sentido que damos ao que nos acontece, que nós damos a nós próprios uma identidade no tempo” (Larrosa, 2008, p. 69).

---

<sup>13</sup> Vide Ignácio e Momo (2025a), Oliveira e Ignácio (2025), Ignácio e Momo (2025b), Ignácio e Camozzato (2023), Ignácio e Michel (2023), Meireles e Ignácio (2023), Lapuente, Ignácio e Michel (2023).

A partir dessas teorizações e com o supracitado repertório teórico-metodológico dos Estudos Culturais e dos Estudos do Consumo, as narrativas são tomadas e compreendidas como práticas culturais e como textos produtores de sentidos, significados e sujeitos.

Dos estudos sobre o consumo, interessa o entendimento de que as sociedades contemporâneas vêm instituindo, de modo cada vez mais intenso, formas de ser, estar e conviver, bem como uma gramática social orientada pela centralidade do consumo. Nos Estudos Culturais, encontra-se respaldo para compreender o consumo como uma prática de significação que se inscreve em disputas culturais em torno dos saberes considerados legítimos e pertinentes em uma dada sociedade.

No que se refere às narrativas orais infantis, faz-se necessária a ressalva de que foi realizado um estudo circunstanciado, a partir de autores como Corsaro (2011), Passeggi et al. (2014), Martins Filho e Barbosa (2010), Passeggi e Nascimento (2018), Friedmann (2010) e Cruz (2008), entre outros, a fim de compreender as especificidades e os pressupostos de um campo com expressiva trajetória na área da Educação: os Estudos das Infâncias.

Dentre seus pressupostos, destaca-se a concepção da criança como sujeito legítimo de conhecimento, ator social e sujeito ativo, capaz de produzir cultura. Nesse sentido, as crianças e suas narrativas têm se tornado centrais em um número crescente de pesquisas, cujos processos investigativos envolvem a produção e a análise de dados a partir delas próprias; rompe-se, assim, de forma cabal, com uma trajetória de estudos que por muito tempo se limitaram a narrar as crianças, seus modos de ser e aquilo que pensavam e

produziam. Tais pesquisas procuram compreender o que a criança faz de si e sobre si, recusando uma perspectiva adultocêntrica que impõe concepções e preconceitos prévios para categorizar as experiências das crianças e suas infâncias. Parte-se, então, do entendimento de que “[...] as crianças não se limitam a internalizar a sociedade e a cultura, mas contribuem ativamente para a produção e mudança culturais” (Corsaro, 2011, p. 31).

Desse modo, impõem-se desafios ético-metodológicos, tais como: estabelecer relações de proximidade com as crianças; construir formas atentas e sensíveis de escuta; manter o rigor na consideração das visões de mundo das crianças; não subordinar os modos de pensar dos participantes a pressupostos teóricos previamente definidos; e problematizar a posição do adulto pesquisador na relação com as crianças (Ignácio; Camozzato, 2023).

Esse horizonte foi basilar ao longo do período de pós-doutorado em Educação realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a supervisão da professora Mariangela Momo, nos anos de 2021 e 2022. Nesse percurso investigativo, intencionou-se compreender como, nas tramas da cultura do consumo, as crianças produzem, negociam e (re)configuram significados, bem como os processos de subjetivação por meio dos quais conhecem, interpretam e (res)significam essa cultura em suas narrativas orais.

A investigação foi realizada em duas escolas públicas da Região Metropolitana de Natal/RN — uma situada no município de Natal e outra em Parnamirim — ao longo do primeiro semestre de 2022. Participaram da pesquisa cinco turmas — duas do 4º ano e três do 5º ano do Ensino

Fundamental —, com uma média de 25 estudantes em cada uma. Em cada turma, foram realizados três encontros, com duração aproximada de uma a duas horas, totalizando 15 encontros. A opção por contemplar um número ampliado de turmas teve como objetivo possibilitar o mapeamento de um conjunto mais abrangente de estudantes e identificar a recorrência e a consistência dos resultados.

As temáticas e estratégias disparadoras das conversas foram: (1) narrativas de si sobre/com/no consumo (a partir da atividade “Jogo do dado<sup>14</sup>); (2) “O ET que veio à Terra”<sup>15</sup>, inspirada em proposta de Passeggi et al. (2014), voltada à descrição do que seria necessário para ser feliz e viver em sociedade; e (3) criação de produtos e de peças publicitárias<sup>16</sup>. A produção dos dados ocorreu por meio de registros em diário de campo e de gravações de áudio das interações, as quais foram posteriormente transcritas e analisadas.

Dessa trama teórico-metodológica, emergiram experiências, práticas e objetos de consumo que atravessam o cotidiano dos sujeitos escolares infantis. As narrativas

---

<sup>14</sup>Os estudantes são organizados em círculo e, a cada lançamento do dado, são convidados a completar a enunciação indicada em uma de suas faces: “eu gosto”, “eu quero”, “eu sou”, “eu tenho”, “eu não vivo sem” e “eu preciso”.

<sup>15</sup> A atividade “O ET que veio à Terra” envolve a contação de uma história mobilizadora na qual um ser extraterrestre chega ao Planeta Terra e solicita ajuda das crianças para compreender como se vive. A partir desse enredo, os estudantes são convidados a responder a questões sobre o que o ET precisaria para sobreviver, o que não poderia faltar em sua vida, como poderia organizar e administrar sua existência, como poderia ser feliz e o que seria essencial para viver em sociedade.

<sup>16</sup> Nessa prática disparadora, os estudantes, organizados em duplas, são convidados a criar produtos a partir de funcionalidades consideradas necessárias às pessoas, elaborar uma peça publicitária e apresentá-la aos colegas. Em seguida, a turma é convidada a escolher quais produtos adquirir.

produzidas mostram que o consumo interpenetra diferentes relações interpessoais e circula por múltiplos espaços da vida cotidiana, inclusive, nos âmbitos familiar e escolar. Nesse cenário, as experiências de si das crianças na contemporaneidade mostram-se atravessadas — e, em muitos casos, capturadas — pela racionalidade do consumo, que institui determinados modos de ser e de viver a infância.

A esse respeito, o que se percebe é a presença marcante de pedagogias do consumo nas narrativas dos sujeitos escolares infantis estreitamente articuladas a temas como mídias, tecnologias, jogos, *shopping centers*, dinheiro e viagens. Objetos e produtos, como celulares, PlayStation, placas de vídeo, televisores, videogames e computadores *gamer*, integram o repertório simbólico mobilizado pelas crianças, configurando um universo onde o consumo se apresenta como referência cotidiana.

Nesse contexto, as narrativas orais reiteraram, de forma recorrente, temas ligados às mídias, às tecnologias, aos jogos e ao dinheiro. O dinheiro foi narrado simultaneamente como desejo, necessidade e forma de representação. A familiaridade das crianças-estudantes com dispositivos digitais e da mídia, com o comércio *on-line* e com a aquisição de conteúdos virtuais revela modos específicos de inserção das crianças em circuitos contemporâneos de consumo.

A escuta atenta e sensível das participantes do estudo deu visibilidade à emergência de uma cultura infantil do e para o consumo, materializada em vocábulos, concepções, entendimentos e práticas culturais. Os achados problematizados indicam a contundência e a intensidade formativa do discurso do consumo nos tempos e espaços

escolares, capaz de operar sobre as crianças-estudantes e produzir determinadas formas de subjetivação.

## CONDIÇÕES PARA PENSAR EM “OUTRAS” AGENDAS DE PESQUISA<sup>17</sup>

Neste artigo, foram apresentadas três, entre tantas outras, possibilidades de mobilização dos Estudos Culturais em Educação na investigação da Educação Básica. Esses percursos investigativos envolveram a análise de artefatos culturais, das articulações entre dimensões específicas da cultura e os processos de escolarização, bem como das narrativas orais dos sujeitos escolares. Os achados evidenciaram rastros e marcas da racionalidade do consumo nas pedagogias, que operam aquém e além da escola, produzindo determinados modos de (con)formação dos sujeitos escolares para uma dada sociedade.

Cabe, contudo, assinalar que, no interior desse campo, não há um roteiro previamente estabelecido nem uma lista prescritiva de temas e objetos de pesquisa. Tampouco os percursos investigativos se encontram fixados precocemente. (Costa, 2002b). Aos praticantes dos Estudos Culturais é permitido compor suas próprias “alquimias” teórico-metodológicas e delinear suas agendas de pesquisa, desde que orientados por premissas e pressupostos que conferem consistência e rigor às suas investigações.

Essa perspectiva ampliada, ao produzir fissuras nos cânones acadêmicos e tensionar discursos historicamente legitimados no campo da Educação, tem se mostrado profícua, pois possibilita estender os olhares sobre a educação e a escolarização. Ao fazê-lo, dá visibilidade a temas, saberes e

---

<sup>17</sup>Título inspirado no capítulo “Uma agenda para jovens pesquisadores”, de Marisa Vorraber Costa, presente no livro “Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação” (2002b).

práticas que passam a ser problematizados, esquadrinhados, desarticulados e reorganizados, evidenciando como a cultura opera na produção de sentidos e na constituição de modos de ser em uma dada sociedade.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA JÚNIOR, Alberto Lucena. **Arte da animação: técnica e estética da história**. São Paulo: Senac, 2002.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**. Sobre as fragilidades humanas. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Bauman sobre Bauman: diálogos com Keith Tester**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria Nacional de Educação Básica. **Uma proposta de introdução de educação do consumidor nos currículos escolares da educação básica**. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 1990.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, DF: MEC, 1997.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais gerais da educação básica**. Brasília, DF: MEC, 2013.

CANCLINI, Néstor Garcia. **As culturas híbridas em tempos de globalização**. In: CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2003.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 6. ed. Rio Janeiro: UFRJ, 2006.

CORSARO, William. **Sociologia da Infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COSTA, Marisa Vorraber. Ensinando a dividir o mundo: as perversas lições de um programa de televisão. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas: Autores Associados, n. 20, p. 71–82, maio/ago. 2002a.

COSTA, Marisa Vorraber. Uma agenda para jovens pesquisadores. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002b. p. 143–156.

COSTA, Marisa Vorraber. Uma agenda para jovens pesquisadores. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos**

**Investigativos II:** outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002b. p. 143-156.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos Culturais em Educação um panorama. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. (org.). **Cultura, poder e Educação:** um debate sobre Estudos Culturais em Educação. Canoas: ULBRA, 2005a. p. 107-120.

COSTA, Marisa Vorraber. Velhos temas, novos problemas – a arte de perguntar em tempos pós-modernos. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (orgs.). **Caminhos Investigativos III:** riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005b. p. 199-214.

COSTA, Marisa Vorraber. Paisagens escolares no mundo contemporâneo. In: BUJES, Maria Isabel; SOMMER, Luis Henrique (orgs.). **Educação e cultura contemporânea.** Canoas: Ulbra, 2006. p. 177-195.

COSTA, Marisa Vorraber (org). **Caminhos Investigativos I:** novos olhares na pesquisa em educação. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

COSTA, Marisa Vorraber; MOMO, Mariangela. Sobre a “conveniência” da escola. **Revista Brasileira de Educação,** Rio de Janeiro, v. 14, n. 42, p. 521-533, dez. 2009.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação,** Rio de Janeiro, n. 23, p. 36-61, maio/ago. 2003.

CRUZ, Silvia Helena Vieira (org.). **A criança fala: a escuta da criança em pesquisa**. São Paulo: Cortez, 2008.

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 22 n. 2, p. 59-79, jul./dez. 1997.

FOUCAULT, Michel. Poderes e estratégias. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 241-252.

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. 25. ed. São Paulo: Graal, 2008a.

FOUCAULT, Michael. **Ordem do discurso**. 16. ed. São Paulo: Loyola, 2008b.

FOUCAULT, Michael. **Arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade: a vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

FOUCAULT, Michael. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica - para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. p. 273-295.

FREIRE COSTA, Jurandir. **O Vestígio e a Aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FRIEDMANN, Adriana. **A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poética das infâncias**. 1. ed. São Paulo: Panda Books, 2010.

GIROUX, Henry A. Praticando Estudos Culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu. da, (org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. p. 85-103.

GIROUX, Henry A. Os filmes da Disney são bons para seus filhos? In STEINBERG, Shirley R.; KINCHELOE, Joe L. (orgs.). **Cultura infantil: a construção corporativa da infância**. 2. ed. Tradução de George Japiassú Brício. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 87-108.

GROSSBERG, Lawrence. **Estudios culturales en tiempo futuro: cómo es el trabajo intelectual que requiere el mundo de hoy**. 1. ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2012. 384 p. (Coleção Antropológicas II, dirigida por Alejandro Grimson). Tradução de Gabriela Ubaldini.

HALL, Stuart. A Centralidade da cultura: nota sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IGNÁCIO, Patrícia. **Aprendendo a consumir com “Três Espiãs Demais”**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2007.

IGNÁCIO, Patrícia. **A pedagogização do discurso do consumo nas práticas discursivas escolares e o governo dos sujeitos escolares para o consumo**. Recife: Editora UFPE, 2020. (Coleção Teses e Dissertações).

IGNÁCIO, Patrícia; CAMOZZATO, Viviane Castro. Pedagogias do consumo e narrativas orais: o que pensam, dizem e sentem os sujeitos infantis escolares. **Textura**, Canoas, v. 25, p. 250–280, 2023.

IGNÁCIO, Patrícia; CAMOZZATO, Viviane Castro. O Discurso do Consumo na Base Nacional Comum Curricular e o Projeto de Formação de Sujeitos Escolares Consumidores Brasileiros. In: IGNÁCIO, Patrícia; MOMO, Mariangela;

AUCAR; Bruna (orgs.). **Cultura, consumo e educação**. 1. ed. Rio Grande: Editora da FURG, 2024. p. 157-180.

IGNÁCIO, Patrícia; CAMOZZATO, Viviane Castro. Lições do discurso do consumo nos livros didáticos dos anos iniciais do ensino fundamental. In: **XI Colóquio Internacional de Políticas Curriculares; VII Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e Práticas Educativas; IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo, 2025**, João Pessoa. *Eu escrevo para um mundo no qual possa viver*. Recife: Even3, 2025.

IGNÁCIO, Patrícia; MICHEL, Caroline Braga. Narrativas docentes de si em cartas virtuais: sentimentos e sensações de professoras alfabetizadoras em tempos de pandemia. **Horizontes**, [S. l.], v. 41, n. 1, p. e023018, 2023. DOI:

<https://doi.org/10.24933/horizontes.v41i1.1541>. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/1541>. Acesso em: 14 jan. 2026.

IGNÁCIO, Patrícia; MOMO, Mariangela. A escola tem futuro? Narrativas de crianças pequenas sobre o futuro da educação escolar. **Revista Cocar**, [on-line], v. 1, p. 1–20, 2025a.

IGNÁCIO, Patrícia; MOMO, Mariangela. As pedagogias culturais do consumo nas narrativas orais infantis em contextos escolares. In: SARMENTO, Clara; DINIZ, Bruna Saadé (orgs.). **Estudos culturais: estudos inter-multi-trans-pan-anti-in-disciplinares**. 1. ed. Porto: Edições Politema, 2025b. p. 115–122.

KARNOPP, Lodenir Becker; POKORSKI, Juliana de Oliveira. Representações na literatura surda sobre modos de ser surdo. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 29, n. esp., p. 355–373, dez. 2015. DOI: <https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v29nespeciala2015-p355a373>. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1982-596X2015000300355&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-596X2015000300355&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 10 jan. 2026.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru: Edusc, 2001.

KLEIN, Naomi. **Sem logo: a tirania das marcas em um planeta vendido**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

LAPUENTE, Janaína Soares Martins; IGNÁCIO, Patrícia; MICHEL, Caroline Braga. Pedagogia de projetos na educação infantil: concepções e entendimentos de professoras e professores em formação continuada. **Revista Leia Escola**, v.

23, n. 2, p. 313-324, ago. 2023. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10447125>.

LARROSA, Jorge. Narrativa, identidad y desidentificación. In:

LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2003.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 35-86.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. 9. reimpr. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MARTINS FILHO, Altino José; SILVEIRA BARBOSA, Maria Carmem. Metodologias de pesquisas com crianças. **Reflexão e Ação**, v. 18, n. 2, p. 08-28, jul./dez. 2010.

MEIRELES, Daiane Woiciechovski; IGNÁCIO, Patrícia. Práticas investigativas com bebês: um lugar a ser (re)visitado. **Dialogia**, [S. l.], n. 45, p. e23884, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5585/45.2023.23884>. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/23884>. Acesso em: 14 jan. 2026.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A.; GROSSBERG, Lawrence. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA,

Tomaz Tadeu da (org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 7-38.

OLIVEIRA, Cristiane Mortágua; IGNÁCIO, Patrícia. Narrativas orais de uma professora alfabetizadora sobre o processo de alfabetização em tempos de retorno à presencialidade. **Olhar de Professor**, [S. l.], v. 28, p. 1-22, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5212/OlharProfr.v.28.23578.049>.

Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/23578>. Acesso em: 14 jan. 2026.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Currículos: teorias e políticas**. São Paulo: Contexto, 2025.

PASSEGGI, Maria da Conceição et al. Narrativas de crianças sobre as escolas da infância: cenários e desafios da pesquisa (auto)biográfica. **Educação**, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 85-104, jan./abr. 2014.

PASSEGGI, Maria da Conceição; NASCIMENTO, Gilcilene; RODRIGUES, Senadaht. Narrativas de crianças sobre a escola: desafios das análises. **Revista Lusófona de Educação**, n. 40, p.155-169, 2018.

ROCHA, Everardo. Coisas estranhas, coisas banais: notas para uma reflexão sobre o consumo. In: ROCHA, Everardo; ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (orgs.). **Comunicação, consumo e espaço urbano: novas sensibilidades nas culturas jovens**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 15-34.

SARLO, Beatriz. **Cenas da Vida Pós-moderna: Intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina.** 4 ed. Tradução de Sergio Alcides. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006.

SCHOR, Juliet B. **Nascidos para comprar: uma leitura essencial para orientarmos nossas crianças na era do consumismo.** São Paulo: Gente, 2009.

SILVA, Benícia Oliveira da.; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Sexualidade na sala de aula: tecendo aprendizagens a partir de um artefato pedagógico. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 2, p. 521–533, maio 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

STEINBERG, Shirley R.; KINCHELOE, Joe L. Sem segredos: cultura infantil, saturação de informação e infância pós-moderna. In: STEINBERG, Shirley R.; KINCHELOE, Joe L. (orgs). **Cultura infantil: a construção corporativa da infância.** 2 ed. Tradução de George Japiassú Brício. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, p. 09-52.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os estudos culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 37-69.

VEIGA-NETO, Alfredo; RECH, Tatiana Luiza. Esquecer Foucault?. **Pro-Posições [on-line]**, v. 25, n. 2, 2014.



WALKERDINE, Valerie. A cultura popular e a erotização das garotinhas. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 7588, jul./dez. 1999.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

*Recebido em 12 dezembro de 2025.*

*Aprovado em 29 de dezembro de 2025.*